

17 A UNIÃO João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 1 de maio de 2016

FOTOS: Divulgação



JOÃO PESSOA

Capital dos Jogos da Juventude 2016

Maior evento estudantil esportivo vai envolver mais de 6 mil pessoas

Wellington Sérgio
wsergio@uol.com.br

João Pessoa é a única capital do País que vai sediar duas competições dos Jogos Escolares da Juventude/2016 (masculino e feminino), para atletas de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos, no segundo semestre da temporada. A primeira vai acontecer no período 20 a 29 de setembro, enquanto a segunda, de 10 a 19 de novembro. O acordo aconteceu entre o Governo do Estado e o Comitê Olímpico do Brasil (COB), que traz novamente para os paraibanos o maior evento do esporte escolar do País. Esta será a sexta vez que a capital paraibana sediará as disputas, ultrapassando Poços de Caldas-MG, que realizou cinco.

Os Jogos Escolares da Juventude é o maior evento estudantil esportivo do Brasil. A competição de abrangência nacional reúne milhares de alunos de instituições de ensino públicas e privadas de todo o País. Para ser a escolhida como sede, João Pessoa passou pelas exigências do "caderno de encargos" feitas pelo COB. Entre os itens exigidos estão a rede hoteleira, a estrutura de equipamentos esportivos, com ginásios e parques aquáticos modernos, a exemplo da Vila Olímpica Parahyba (Bairro dos Estados), Ronaldão (Cristo Redentor), a pista de atletismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Convenções, além da proximidade dos hotéis com os locais das partidas.

Estarão envolvidos nos desafios mais de 6 mil pessoas, entre atletas, técnicos, árbitros e comissão organizadora. A Paraíba terá mais

de 350 pessoas participando dos eventos nacionais. As modalidades coletivas que serão disputadas são: Basquete, Futsal, Handebol e Voleibol, enquanto nas individuais, Atletismo, Badminton, Ciclismo, Ginástica Rítmica, Judô, Luta Olímpica, Natação, Tênis de Mesa e Vôlei de Praia. A Paraíba sempre foi destaque nos Jogos Escolares da Juventude, principalmente no Handebol (masculino), Judô (ambos os sexos), Luta Olímpica (masculino) e Badminton (masculino), conquistando títulos.

Para o secretário-executivo da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel-PB), José Marco, a presença das duas etapas dos Jogos Escolares da Juventude é fruto do trabalho que o Governo do Estado vem fazendo pelo esporte, investindo em todas as modalidades. Segundo ele, as reformas realizadas na Vila Olímpica Parahyba (Bairro dos Estados) e Ronaldão (Cristo Redentor), além dos parques aquáticos foram fundamentais para a capital ficar com o direito de sediar novamente os eventos esportivos. "Um esforço válido de um governo que sabe valorizar o esporte da terra. Vamos trabalhar para organizar e mostrar ao País porque a Paraíba está na frente dos demais", avaliou.

Um dos coordenadores das competições, Antônio Fernando Ferreira Vasconcelos, mais conhecido como Mineiro, enfatizou que será mais uma responsabilidade de obedecer as exigências do COB e fazer um planejamento organizado para que não ocorra incidentes de última hora. "Tentaremos fazer o melhor, afinal, é o nome da Paraíba que está em jogo. Está de parabéns o governador por tudo que tem feito pelo esporte no Estado", observou.

Gov. do Estado e COB uma parceria positiva

A boa convivência entre o governador Ricardo Coutinho e o diretor geral dos Jogos Escolares da Juventude e gerente geral de Juventude e Infraestrutura do Comitê Olímpico do Brasil (COB), Edgar Hubner, vem desde que o atual chefe do executivo comandou os destinos da capital paraibana. Ricardo ressaltou a importância de sediar as duas etapas, que movimentarão a economia da cidade, em especial o turismo e a rede hoteleira, com mais de 28 mil diárias. "Imagina a quantidade de pessoas que chegarão à capital, trazendo famílias, atletas, dirigentes e amigos que lotarão hotéis, bares e restaurantes. Além do mais, utilizarão táxis, visitarão nossos pontos turísticos e comprarão nosso artesanato. Faremos uma bela festa do esporte nacional", avaliou.

O governador elogiou a postura de Edgar Hubner que reco-

nheceu os investimentos importantes que o Governo do Estado vem realizando pelo esporte, conseguindo montar uma estrutura capaz de sediar competições de alto nível. "Trata-se de um paraibano por adoção que sempre mostrou confiança pelo nosso trabalho. Quero agradecer a confiança, a atenção do dirigente que aposta no sucesso das etapas em solo paraibano", disse.

Edgar Hubner comentou que João Pessoa possui boas instalações esportivas e capacidade hoteleira compatível para receber mais de cinco mil pessoas durante as competições. Segundo ele, um evento que vai reforçar a economia da cidade e promover um ambiente saudável do esporte para a população. "Uma logística importante para a grandeza dos Jogos que tem um go-

vernador que investe no esporte. Torço que possamos alcançar o sucesso em todos os níveis", frisou. O evento contempla mais de 2 milhões de jovens nas seletivas municipais e estaduais, organizadas pelos estados e municípios, representando 40.000 escolas de 3.950 cidades do Brasil.

A fase nacional, organizada pelo COB, reúne em cada faixa etária cerca de 4 mil atletas dos 26 estados da Federação mais o Distrito Federal. A competição revelou vários atletas para o alto rendimento, como a campeã olímpica Sarah Menezes e a campeã mundial Mayra Aguiar, ambas do judô, os medalhistas Layana Colman (judô), Hugo Calderano (tênis de mesa), Mathews Santana, Luiz Altamir, Giovanna Diamante, Natalia de Lucças (natação) e Duda Lisboa (vôlei de praia).



O atletismo, assim como o futebol de salão são algumas das modalidades que estarão em disputas nos Jogos



O voleibol e a natação reunirão em João Pessoa atletas estudantis de todos os estados do País na competição



A equipe botafoguense quer fazer um bom resultado para ficar com a vaga em João Pessoa

CAMPEONATO PARAIBANO

Sousa e Botafogo iniciam disputas das semifinais

Wellington Sérgio
wsrgonordre@yahoo.com.br

Sousa e Botafogo voltam a se encontrar hoje, às 16h30, no estádio marizão, na abertura das semifinais do campeonato paraibano. A partida de volta será no próximo domingo (8), no mesmo horá-

rio, no almeidão, na capital paraibana. As duas equipes se enfrentaram quatro vezes na competição, com três vitórias do Belo (2 x 0, 2 x 1 e 5 x 0) e uma do dinossauro (3 a 1). O alvinegro pessoense atuara por dois resultados iguais para chegar à final, contra Campinense ou Centro Spor-

tivo Paraibano (CSP), que joga a primeira no dia 8 deste mês, no amigão, na serra da borborema. Após golear o time sertanejo (5 a 0), o ambiente nas hostes do Botafogo é o melhor possível, com todos confiantes em conquistar um resultado satisfatório

fora de casa. Com a força máxima à disposição, o treinador Itamar Shuller acredita que se o grupo repetir a exibição do jogo anterior a coisa será diferente. "Temos que manter o ritmo e não dar espaço para o adversário, que sempre foi difícil atuando em seus domínios.

Iremos em busca de ganhar, mas um empate será de bom tamanho para o jogo de volta", observou. Pelo lado do Sousa, o objetivo é vencer ou vencer o primeiro jogo da decisão de 180 minutos. Na avaliação do treinador Jason Vieira, a equipe terá que re-

verter a situação para tentar obter a vaga na final no Estádio Almeidão, em João Pessoa. "Temos que fazer o dever de casa, com uma diferença de dois gols para a decisão na capital. Acredito no apoio da torcida para que o Sousa consiga reverter a situação", avaliou Jason.

HISTÓRIAS RADIOFÔNICAS

ODEMAR ARAÚJO

“O lixo me fez líder esportivo”

Marcos Lima
marcoslima@gmail.com

Conciliar seu tempo entre o comércio legal do lixo e a liderança de audiência esportiva em uma emissora de rádio da capital. Assim tem sido a vida diária do cearense Odemar de Araújo Silva, 40 anos, hoje, "saí do inferno e vive no céu", recebendo o carisma de toda a população, com reconhecimento liliado na sociedade, principalmente no convívio esportivo paraibano.

"Graças a Deus dei a volta por cima e hoje me sinto uma pessoa realizada. O lixo me fez líder de audiência, aprendi a viver e hoje faço o que mais gosto: levar ao público ouvinte do Estado tudo que ocorre na esfera esportiva", desabafou ele.

O desejo de Odemar Araújo era ser jogador de futebol, porém, não obteve sucesso na profissão, mesmo assim não desistiu e de todas as formas quis se envolver no esporte brasileiro. "Meu sonho era jogar futebol, mas como não tive o dom, resolvi ser repórter esportivo para estar com os pés nos gramados", afirmou o apresentador do programa Sanhauá Esportes, que vai diariamente ao ar das 11h às 12h, pai de quatro filhos: Renato, Hannam, Mallany e Gabriel. "Minha inspiração de vida, juntamente com

meus pais", alega.

O âncora esportivo pode ser considerado hoje um exemplo para os mais jovens, principalmente aqueles que trilham pelos caminhos da dependência química. Quase arruinado neste caminho, o apoio de um amigo para que o mesmo viesse comercializar lixo, fez com que Odemar Araújo saísse da "águia para o vinho" em sua carreira vitoriosa e se transformasse no que ele é hoje: uma das pessoas mais assediadas na capital paraibana e audiência fechada em seu programa esportivo.

"A dependência química, na minha vida, hoje está superada. Passei por um momento que não gostaria de lembrar, mas, cada dia ganho forças para não voltar mais. Hoje me sinto orgulhoso de voltar a viver dignamente e morar em um condomínio fechado. Só sabe o que é as ruas e a dependência química, quem viveu ou vive delas", alega Odemar.

Em relação ao trabalho paralelo à radiofonia esportiva do Estado, no caso, o comércio de resíduos sólidos, Odemar Araújo explica: "o lixo foi uma ideia de um superamigo, Lúcius Fabiani. Ele me viu arruinado por conta do álcool e da dependência química e me fez um desafio. Mostrou aos amigos e a mim mesmo que eu seria capaz de

assumir um departamento de venda de lixo, coisa nada fácil, já que, quem compraria lixo na capital? Hoje sou grato a ele, pois através dele voltei a trabalhar e voltei às ondas do rádio para comandar um programa esportivo, hoje, líder de audiência", conta Odemar Araújo.

Melhor esclarecendo, ele disse que hoje, hotéis, bares e restaurantes produzem lixo mais do que o necessário, podendo, no entanto, haver uma coleta seletiva, o que muitos empresários do setor não fazem. "Quando da minha fiscalização, essas empresas acabam pagando pelo lixo que não separam, ou seja, pelo fato de não contribuírem com o meio ambiente, os mesmos são punidos de acordo com a legislação. No entanto, muitos procuram se enquadrar na realidade e fazem o que deveriam ter feito antes", garantiu Odemar Araújo, vendedor de lixo.

A carreira na radiofonia paraibana, principalmente na área esportiva do Estado, teve início há 14 anos. Ao lado do cronista José Ribeiro, Odemar Araújo integrou a Seleção de Ouro do Rádio Paraibano. "Hoje ainda tenho José Ribeiro como um dos melhores comentaristas esportivos da atualidade. Além dele, para chegar ao sucesso, tive como espelho o grande narrador espor-

tivo Adamastor Chaves", garante o vendedor de lixo mais famoso da Paraíba. "Hoje em dia, a vida me obriga a ser chamado de Odemar Araújo, o vendedor de lixo, bem como o Odemar Araújo, líder de audiência em programa esportivo da cidade de João Pessoa", acrescenta.

Filho dos paraibanos Manoel Ferreira e Lúcia Francisca, nascidos em Teixeira, o vendedor de lixo que divide seu tempo com a crônica esportiva paraibana, é torcedor ferrenho do Femar de João Pessoa, time

profissional da 2ª Divisão comandado pelo professor Severino Ferreira. "Tenho uma grande gratidão pelo professor Ferreira. No início da minha carreira, como radialista esportivo, ele teve a coragem de me levar para a Bahia para ser correspondente para os veículos de comunicação de todo o Estado. Depois, me depositou a confiança em assumir uma assessoria de comunicação na Secretaria de Esporte da Prefeitura Municipal de Conde", agradece ele referindo-se também a Igreja Sal e Luz.

Odemar garante que o comércio legal do lixo transformou sua vida ao ponto de ser reconhecido através do seu trabalho e do esporte



FOTO: Estúdio Mônica

BOTAFOGO X VASCO

Começa decisão do Carioca

Jogo no Maracanã põe frente a frente as duas melhores equipes

Botafogo e Vasco começam a brigar hoje, às 16h, no Estádio do Maracanã, pelo título do Campeonato Carioca. O segundo compromisso será no próximo dia 8, no mesmo local e horário. Para chegar a decisão, o Vasco derrotou o Flamengo-RJ (2 a 0) e o Botafogo venceu o Fluminense (1 a 0). Sem perder na competição, o time da Cruz de Malta, que somou 17 pontos na Taça Guanabara, pode obter o bicampeonato invicto. O Alvinegro foi o terceiro colocado, com 14. As equipes jogaram duas vezes na disputa, com o Vasco vencendo a primeira (1 a 0) e empatando a segunda (1 a 1).

O Botafogo terá os desfalques dos zagueiros Joel Carli e Emerson. O primeiro foi expulso na vitória de 1 a 0, diante do tricolor das Laranjeiras, enquanto o segundo, está vetado pelo Departamento Médico. Eles serão substituídos por Renan Fonseca e Emerson Silva, respectivamente. O restante do grupo pode ser o mesmo que venceu o Fluminense. Para o treinador Ricardo Gomes, apesar dos desfalques a equipe não pode dar espaços ao Vasco, principalmente no meio de campo.

"Eles têm jogadores que



Os primeiros 90 minutos da grande final do Campeonato Carioca deverá bater recorde de público e vem sendo aguardado com muita expectativa

se mexem e atuam em diversos setores do campo. Tentaremos neutralizar e buscar um resultado positivo que será de grande importância para o segundo jogo", obser-

vou. O goleiro Jefferson sabe da boa fase que o adversário atravessa, mas aposta no Botafogo para começar na frente. "Estamos vivos e vamos tentar iniciar a decisão

com um resultado positivo. O grupo é guerreiro e vai a luta para derrotar o rival", observou. Único time invicto na competição o Vasco descarta o favoritismo para a decisão.

O treinador Jorginho pede humildade e confiança ao grupo que terá dois jogos complicados. Ele terá o retorno do zagueiro Rodrigo, liberado pelo Tribunal de Justiça

Desportiva-RJ. "Não existe o já ganhou, afinal, são dois clássicos que teremos pela frente. Contar com Rodrigo dará mais segurança ao grupo", disse.

CAMPEONATO PAULISTA

Santos e Audax fazem final em Osasco



As duas equipes se enfrentam em primeiro jogo afirmando que não terá duelo fácil

O Audax-SP recebe hoje, às 16h, o Santos-SP no Estádio Prefeito José Liberatti, em Osasco, interior de São Paulo, no primeiro jogo da final do Campeonato Paulista. A partida de volta será no próximo dia 8, na Vila Belmiro, quando será conhecido o campeão. Para chegar a final o time da casa

ganhou nos pênaltis (4 a 1) do Corinthians, após empatar no jogo normal (2 a 2). O Santos também empatou pelo mesmo placar nos 90 minutos, mas conseguiu vencer nos pênaltis (3 a 2).

Nas hostes do Santos fazer o primeiro jogo fora de casa é importante para ten-

tar pelo menos um empate e decidir em seus domínios. O treinador Dorival Junior sabe que não terá vida fácil, contra um adversário arrumado e perigoso que surpreendeu a todos. "Não é a toa que estão na decisão. Vamos nos precaver para não sofrer surpresas que não estão nos planos. Buscar a

vitória é fundamental, mas um empate é favorável para o jogo de volta", observou.

Para o atacante santista Gabriel o time não pode mudar sua postura, mas encerrar o adversário para não levar pressão. "Tentaremos segurar o Audax em seus domínios, já que vem com tudo para fazer o dever de casa. Espero marcar e ajudar o time a conquistar o título", comentou. A grande surpresa da disputa espera o apoio da torcida para vencer o Peixe e conseguir uma vantagem no outro desafio. Para o treinador Fernando Diniz o Audax não mudará seu estilo de jogo para os dois confrontos, mesmo reconhecendo o poderio do adversário. "Para que mudar uma coisa que vem dando certo. Trata-se de uma final com 180 minutos e temos que usar a inteligência para obter o título", disse.

MAIORES CAMPEÕES

Bahia e Vitória brigam pelo título estadual

A dupla Ba-Vi (Bahia e Vitória) fazem às 16h de hoje, no Barradão, em Salvador, a primeira partida decisiva do Campeonato Baiano em suas histórias. Os dois maiores campeões estaduais vão à grande final, com vantagem de dois resultados iguais para o Bahia. Nas semifinais, o Bahia passou pelo Fluminense de Feira, enquanto o Vitória venceu o Juazeirense.

Em 34 estaduais na história, Bahia e Vitória foram campeão e vice do torneio. Cada um deles foi campeão em 17 ocasiões e vice em outras 17, sendo o torneio de 2016 uma espécie de tira-teima.

Em finais mesmo, ou

jogos decisivos, o Bahia venceu o Vitória em 13 oportunidades, enquanto o Vitória venceu o Bahia em outras 12. Em 1962 o Bahia foi campeão com uma vitória em cima do maior rival, mas o vice-campeão estadual foi o Ypiranga. Assim, de forma direta, as equipes decidiram o torneio em 24 oportunidades.

Os clubes ainda chegaram em três finais de Copa do Nordeste, com um título para o Bahia (2002) e dois para o Vitória (1997 e 1999). Neste estadual, o Bahia chega à final com melhor campanha, conquistada na primeira fase (15 x 13 pontos).

Eduardo Araújo

eduardomarceloaraujo@hotmail.com

Dia do Trabalho

Dia do Trabalho, os trabalhadores se regozijam com a data guardada em homenagem a todos nós que levantamos diariamente para conseguir o pão de cada dia e o sustento da família que amamos. Infelizmente, por outro lado, esse período marca o fim dos estaduais e, desta forma, o desemprego de milhares de profissionais da bola, em decorrência do esdrúxulo calendário nacional que provoca o fim de partidas oficiais para mais de 500 clubes. Como dito em nossa coluna anterior, a correção para esse problema passa por uma reformulação do calendário futebolístico, diminuindo a diferença de partidas oficiais disputadas entre aqueles que mais e menos jogam, tornando o espetáculo mais rentável e interessante para dirigen-

tes, sócios, torcedores, comissão técnica, atletas e funcionários.

Muitos veem o futebol como sendo uma atividade pautada exclusivamente na disputa dentro de campo, tendo como únicos participantes, além da comissão técnica e atletas, os dirigentes-torcedores que "apaixonados" adentram na administração dos clubes a partir de intensas disputas políticas internas.

Ledo engano, uma das partes mais importantes de um clube de futebol são seus funcionários, esses renegados que se sacrificam com condições horríveis de trabalho, salários atrasados e, ao fim do calendário desportivo, ficam morando e cuidando de "Sedes fantasmas" ou vão para casa esperando o retorno das ativi-

dades profissionais dos times.

As atividades administrativas e de manutenção de um time demandam inúmeros funcionários que participam da limpeza e manutenção do campo e da Sede, cuidam da alimentação de atletas e staff, cuidam dos aspectos psicológicos e fisiológicos dos jogadores, além, obviamente, das funções administrativas e financeiras, com contadores, advogados, administradores, entre outros tantos que ficam sem seus empregos no futebol por um longo período de tempo.

Uma das soluções para essa triste realidade, esquecendo da mais importantes delas, a reforma do calendário, é o fortalecimento da estrutura social dos clubes e a formação de atletas nas categorias de base.

A composição de um corpo de funcionários fixos, independentemente de dados oficiais para o futebol profissional, deve ser uma busca constante da CBF, das federações e dos clubes, com o fito de majorar a capacidade técnica e econômica do nosso esporte que tem pouca participação no PIB brasileiro em comparação com seu potencial.

Essa conjuntura precisa mudar, sob pena do falecimento das instituições com o esquecimento dos clubes e a situação de "Sede fantasma" que fica estabelecida ao fim dos estaduais. O dia 1º de maio deve ser de felicidade para todos, pois a alegria de comemorar esta data confirma o desejo de trabalhar e produzir para o fortalecimento da nossa Nação, inclusive no esporte bretão.

CAMPINENSE X SANTA CRUZ-PE

Sai hoje campeão do Nordeste

Raposa precisa de uma vitória simples para ficar com o bicampeonato

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Sai hoje o campeão da Copa do Nordeste 2016. Campinense e Santa Cruz decidem o título da competição, a partir das 16 horas, no Estádio Amigão, em Campina Grande. A arbitragem para esta partida será de um trio baiano, comandado pelo árbitro Jailson Macedo Freitas, auxiliado por Alessandro Rocha de Matos e José Carlos Oliveira dos Santos. Na primeira partida entre as duas equipes, disputada na última

quarta-feira no estádio Arrudão, em Recife, o Santa Cruz venceu por dois a um.

Diante do resultado do primeiro jogo entre as duas equipes, o Campinense entra em campo hoje em desvantagem, em relação ao adversário. Como perdeu em Recife, por 2 a 1, a Raposa precisa vencer pelo placar de 1 a 0 para ser campeã, ou por dois gols de diferença. Se repetir o placar do jogo passado, a decisão será nos pênaltis. Caso perca, empate ou vença por diferença de um gol, tendo tomado mais de um gol, perderá o título para o Santa Cruz.

Sabendo disto, o treinador Francisco Diá já prometeu o Campinense no ataque, pressionando o adversário,

desde o início do jogo. "Nossa intenção é sair na frente no placar, para obrigar o adversário a sair para o jogo, e assim podermos acionar o nosso contra-ataque. Da mesma forma que eles nos venceram lá, temos condições de vencer também aqui. Já provamos que temos time para isso, e com a ajuda de nossa torcida, tenho fé em Deus que vamos chegar lá", disse o técnico rubro-negro.

Sobre a escalação do time para a grande decisão, Diá fez mistério. "O Campinense hoje tem um elenco, não apenas um time. É provável que faça alguma alteração, antes ou durante a partida. Uma decisão se ganha no detalhe, e vamos tentar sur-

prender o adversário, dentro de nossa casa", afirmou o treinador.

Caso Francisco Diá não faça mudanças, o time base do Campinense para esta partida é o seguinte: Gledson, Negretti, Joécio, Thiago Sala e Danilo; Leandro Sobral, Magno, Filipe Ramon e Róger Gaúcho, Raul e Rodrigoão.

Pelo lado do Santa Cruz, o técnico Milton Mendes está confiante. O time não tem problemas e poderá vir com a força máxima. Ninguém no Tricolor Pernambucano esconde que o gol de Bruno Moraes nos acréscimos, deu uma nova motivação a equipe para o jogo de volta, hoje em Campina Grande.

"Estou trabalhando bas-

tante, e Bruno Moraes também. Ele entrou e fez esse gol, que pode ter sido do título. Ninguém sabe o que vai acontecer lá, mas vamos ver. Para nós, tricolores, sabemos que nada é fácil. Sofremos um gol em casa que não era o esperado, mas vencemos e vamos lutar por esse título", disse Grafite, melhor jogador do Santa Cruz e autor também de um dos gols do jogo passado.

A grande novidade do Santa para esta decisão é a volta do seu técnico, Milton Mendes, que cumpriu suspensão no primeiro jogo, após ter sido expulso no jogo contra o Bahia, pelas semifinais da competição. Ele acha que o time não rendeu igual ao que vinha rendendo nos

outros jogos, e espera muita dificuldade também no jogo de hoje. Aceitamos bem a marcação do bom time adversário, na primeira etapa, e só melhoramos no segundo tempo, quando fomos mais rápidos e conseguimos levar alguma vantagem sobre a marcação. Em Campina Grande, eles vão sair para o jogo, porque temos a vantagem, e aí teremos mais espaços para trabalhar as jogadas", disse Milton Mendes.

Se não houver mudanças, a Cobra Coral deverá entrar em campo com a seguinte formação: Thiago Cardoso, Vitor, Nérís, Danny Moraes e Leandro Costa; Uillian Correia, Leandroinho, Lelê, Arthur e Kenó; Grafite.

FOTO: Divulgação



Jogadores do Campinense querem fazer a festa no Amigão

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Eu acredito!

O Campinense pode até ter surpreendido a imprensa de Pernambuco, mas não a mim. Quem acompanha a Raposa, desde o início da temporada, sabe que o Rubro-Negro tem hoje condições de enfrentar qualquer equipe do Brasil, seja dentro ou fora de casa, sem fazer vergonha, e sem jogar de forma covarde lá atrás. A Raposa jogou como gente grande contra o Santa Cruz, e por pouco, não calou o Arrudão. Teve chance para isso, e por causa de dois detalhes, não saiu de lá com uma vitória.

O primeiro e crucial, foi a desconcentração e a falta de experiência de alguns jogadores para segurar a bola, faltando apenas um minuto para o final da partida. O jogo só termina quando o juiz apita. Bastaria tocar a bola, chamar faltas e deixar o tempo passar. O gol, aos 47 minutos, foi um castigo cruel, para quem não merecia,

e pode fazer a diferença nesta final de 180 minutos.

O outro fator decisivo para a derrota do Campinense veio da arbitragem. Não vou dizer aqui que o árbitro pernambucano, que substituiu o baiano contundido durante a partida, teve uma arbitragem ruim e tendenciosa, a favor do time da casa. Porém, seu único erro foi fatal contra o time paraibano. Ele não marcou um pênalti claríssimo contra o Santa Cruz, quando o atleta pernambucano cortou a trajetória da bola, com a mão, dentro da área. Um gol naquela altura do jogo, mudaria totalmente o resultado da partida.

Mas a derrota por 2 a 1 não foi um péssimo resultado. O Campinense conseguiu fazer um gol na casa do adversário, e isso vale muito. Hoje, na grande decisão, basta uma vitória simples de 1 a 0, para a

Raposa ficar com o título. Empurrado pela sua torcida, e jogando em um gramado que conhece bem, o Rubro-Negro tem totais condições de vencer o Santa Cruz, apesar da diferença técnica individual dos jogadores das duas equipes e da diferença na folha salarial das duas equipes.

Nunca é demais lembrar que futebol é um esporte coletivo, e portanto exige entrosamento, o que o Campinense tem de sobra, por ter mantido boa parte do elenco e a comissão técnica do ano passado. O treinador Francisco Diá tem o time na mão, e um esquema de jogo definido. A equipe joga bonito, para o ataque, esteja onde estiver, e independentemente do adversário.

Eu acredito na vitória do Campinense hoje contra o Santa Cruz. Se não vier, será uma surpresa para mim. Mesmo que não aconteça, e o clube perca o título, ninguém

vai apagar a brilhante campanha de um clube modesto, com uma folha de pagamento beirando os R\$ 200 mil, enfrentando grandes clubes do futebol brasileiro, com um orçamento dez vezes maior do que o da Raposa.

Por outro lado, se vencer, o Campinense conquistará seu segundo e merecido título da Copa do Nordeste. Embolsará mais R\$ 1 milhão, e entrará para a história, sendo o primeiro time paraibano a participar da Copa Sul-Americana.

Quero ver hoje o Amigão lotado, empurrando o time paraibano para cima da Cobra Coral. Que tenhamos um grande espetáculo, e que vença o melhor. Quero ver hoje festa nas arquibancadas, e não violência. Vamos evitar confronto com a grande torcida do Santa Cruz, que, com certeza, vai comparecer em massa ao Estádio Amigão.



Era de ouro canal 100 do futebol

O Canal 100 tornou-se muito conhecido pela qualidade da filmagem dos jogos de futebol com visão documental e uma narrativa dramática

Paraibanos elogiam a iniciativa da Petrobras em patrocinar a digitalização e recuperação de imagens do cinejornal Canal 100

Guilherme Cabral
guilb_jornalista@hotmail.com

“É mais uma iniciativa da Petrobras, numa política importante de resgatar e fomentar aspectos da cultura esportiva que tem tudo a ver com a formação da nossa identidade, que é o futebol”. A declaração foi feita por Edônio Alves, professor da Universidade Federal da Paraíba, escritor, jornalista e pesquisador da relação entre o futebol e a literatura, ao comentar o patrocínio da estatal para a digitalização e a restauração de imagens de grandes lances do futebol brasileiro e outros esportes veiculadas no cinejornal Canal 100, nas maiores salas de cinema do País, no período de 1959 a 1986. Depois de exibido na ESPN de 25 a 29 de abril, o material - cenas registradas em película de 18 e 35mm, acrescidas de depoimentos atuais e que viraram 10 documentários de 22 minutos - será disseminado em outras mídias. “Achei ótimo, uma excelente ideia, pois são imagens que acompanharam toda uma geração e que também servirá para o conhecimento das que surgiram depois”, disse também o escritor Sérgio de Castro Pinto, autor do livro intitulado A Flor do Gol, lançado em 2014 e que contém, por exemplo, alguns poemas inspirados em grandes jogadores daquela época, a exemplo de Tostão e Jairzinho. Outro que também elogiou o projeto foi o membro da Academia Paraibana de Cinema (APC) e colunista sobre a Sétima Arte do jornal A União, Alex Santos. “Vivi, de fato, como exibidor e curtidor, o Canal 100 nos cinemas de meu pai”, confessou ele, que considera o programa a “era de ouro do cinejornal”.

Idealizados por Alexandre Niemeyer, filho do criador do Canal 100, Carlos Niemeyer, e desenvolvidos pela empresa Ovo em Pé, os documentários deverão ser apresentados nos cinemas, antes da exibição dos filmes em venda, e em monitores dispostos em locais ao ar livre, em pontos de venda, a exemplo de lojas e shopping centers. O projeto consumiu mais de dois anos de pesquisas e outros três de produção, que culminaram na captação de depoimentos de 20 ídolos do esporte, inclusive Rivellino, Carlos Alberto Torres, Jairzinho, Tostão, Falcão, Zico e - não poderia deixar de ser - o próprio Rei do Futebol, Pelé, que ganhou uma homenagem especial: um filme que conta a espera pelo milésimo gol do jogador, com testemunhos que revelam curiosidades sobre esse marco dessa modalidade esportiva no Brasil. Os pilotos do automobilismo Wilson e Emerson Fittipaldi também participam dos documentários, em cenas e depoimentos sobre circuitos de rua realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo.

“Antes da exibição do filme, ficávamos na expectativa para assistir ao Canal 100, que tinha imagens bonitas e faziam sucesso. Era uma época em que se jogava com romantismo e os times tinham os mesmos jogadores. Torço pelo Flamengo, embora não seja fanático, e essa prática permaneceu até Zico. Depois, começou a migração de jogadores, em busca de mais dinheiro”, lembrou o poeta Sérgio de Castro Pinto.

Já o professor e pesquisador Edônio Alves - que, em dezembro de 2015 e no último mês de janeiro, lançou no Rio de Janeiro e em João Pessoa, respectivamente, o livro, baseado em sua tese, intitulado A Esfera com Metáfora: representações do futebol no campo da literatura - comentou que, ao tomar essa iniciativa de patrocinar o projeto, a Petrobras demonstra “visão larga” para fomentar a questão da identidade do povo brasileiro, para a qual o futebol tem dado sua contribuição, ao longo do tempo.

A propósito, alguns dos títulos dos documentários patrocinados pela Petrobras são os seguintes: Reviva a Espera do Milésimo, que retrata toda a expectativa em torno do milésimo gol de Pelé; Reviva o Fla Flu Épico, sobre o famoso jogo entre Flamengo e Fluminense que, em 1963, reuniu o maior público da história do futebol no Brasil, ou seja, 177 mil pagantes, e Reviva as Feras do Saldanha, enfocando o time de ases montado pelo ex-jogador do Botafogo, técnico da Seleção Brasileira, escritor e jornalista João Saldanha para disputar a Copa do Mundo de 1970 e que incluía Carlos Alberto Torres (o capitão), Djalma Dias, Joel, Rildo, Piazza, Gerson, Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu.

“Toda forma de resgate histórico, de preservação da memória aplaudo sem maiores reservas. Quer seja essa salvaguarda para fins privados ou as finalidades mais diversas, principalmente para fins didáticos imediatos e de conhecimento público, a quem cabe, na verdade, a perpetuação da nossa história”, disse Alex Santos a respeito do processo de digitalização e restauração do Canal 100. “Agora, com as mais variadas plataformas e tecnologias de informação, esse resgate se faz ainda mais necessário”, ressaltou ele, lembrando que esse cinejornal foi criado por Carlos Niemeyer no final dos anos 1950, numa parceria com Jean Manzoni. “O Canal 100 foi um dos mais importantes da fase moderna do cinema, no Brasil. Era, também, chamado “jornal de tela” e funcionou até 1986. Nos últimos 15 anos desse período, passou a usar a técnica do filme colorido, em 35mm. Os recursos de imagem e som se ampliaram ao encanto do espectador cinematográfico”, prosseguiu o colunista de A União.

Alex guarda lembranças da época. “Quem jamais esquece aquele jogo pelo campeonato carioca de 1979, em que Roberto Dinamite, pelo Vasco, e Zico, pelo Flamengo, brilharam dentro do Maracanã? Não sem razão que, após todos esses anos de grata lembrança do Canal 100, trago comigo uma cópia, em preto & branco de 35mm, do famigerado cinejornal. Uma reliquia!”, disse ele. “Poucos da minha geração, talvez, tenham vivido tão intensamente o lado prático do Canal 100. Digo no que tange ao fato de tê-lo manuseado, semanalmente, em um dos cinemas de meu pai, colocando-o sempre à exibição antes do filme então anunciado para aquela sessão”, garantiu, lembrando que esse programa era aguardado “com bastante ansiedade” por exibidor e espectadores. “Não raro, havia gritaria dos ansiosos espectadores na sala de projeção, quando então iniciava aquele musiquinha característica da vinheta do futebol na tela, e que algumas tevês ainda hoje usam em suas “chamadas...”, lembrou o colunista e membro da APC.

CINEMA

Programação da APC
até o final do semestre
é definida pela entidade

PÁGINA 23



MEMÓRIA

Fatos e curiosidades da
literatura paraibana na
coluna Letra Lúdica

PÁGINA 23



Considerações sobre a matemática e a música

É raro crianças tomarem gosto por geometria e álgebra semelhante ao que sentem por jogos, astronomia, histórias sobre heróis e dinossauros. Não culpo inteiramente os professores e seus métodos de ensino, que têm sua parcela de responsabilidade. Há casos em que as melhores técnicas pedagógicas seriam incapazes de produzir resultados satisfatórios. Estes são em número maior do que se imagina.

Falamos de conhecimentos com grau de abstração elevado que necessitam de um tipo peculiar de raciocínio, de uma disposição mental que a maioria das pessoas não desenvolve ou possui. Intrinsecamente não há nenhum mal nisso. Ninguém é obrigado a gostar de matemática, literatura, filosofia, história ou física.

Faço parte desse conjunto de pessoas com dificuldades naturais para o entendimento da matemática. Durante parte da minha vida escolar achei-a tediosa e incompreensível. Porém, às vezes que estive realmente dedicado ao meu estudo obtive notas altas nos exames. Ocorre que durante esse período nunca senti verdadeira paixão, nem dei lampejos de genialidade. Tudo acontecia mecanicamente. Preciso decorar alguns procedimentos mentais por um curto período e transcrevê-los para o papel. Tenho imensa curiosidade a respeito do funcionamento do universo e interesse latente pela lógica moderna. Por isso guardo pequeno desapontamento pela falta de habilidade matemática, por ter deixado escapar a oportunidade de desenvolvê-la.

Todos precisam adquirir o mínimo de conhecimentos matemáticos, independente de maiores afinidades com a área. A aritmética é indispensável para a vida prática, assim como noções elementares de geometria. O mesmo não é possível afirmar da álgebra — espero que ela não se sinta desprestigiada com tal declaração. Desteto "magar as mulheres". É preciso salientar que o mesmo não se afirmaria no campo científico. Acredito que as crianças precisam experimentar a matemática para descobrir se sentirão amor pela coisa. Às vezes a resposta positiva surge gradualmente e o ódio à matéria vai aos pouquinhos se transformando em paixão. Numa certa altura ficará claro se possuímos aptidões que, se confirmadas, precisam ser estimuladas ao máximo.

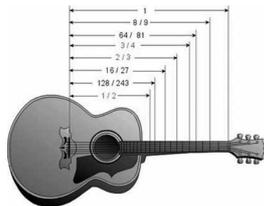
Naturalmente pode ser difícil precisar a capacidade intelectual de alguém, sobretudo, quando se trata de uma pessoa jovem. Crianças com genialidade precoce como a do matemático Alan Turing são valiosas exceções. Especialistas dizem que o pendur para a matemática tende a aparecer até os 14 anos, mas desvios à regra não deixam de existir. Os profes-

sores ficam obrigados a não descartar ninguém — esse deveria ser um imperativo categórico aplicado às demais disciplinas acadêmicas.

Importantes cientistas de nossa época foram matemáticos medíocres. Outros só demonstraram proficiência tardiamente ou tiveram problemas na escola. Albert Einstein já foi reprovado na seleção para a Escola Politécnica de Zurique e expulso do Ginásio Luitpold — fato atribuído à insatisfação com o autoritarismo pedagógico da instituição. Acabou desacreditado por professores que o rotularam como "mentalmente lento, não sociável e sempre perdido em seus sonhos". Diziam que o jovem "não chegaria a lugar nenhum". Thomas Edison passou por algo parecido. O inventor da lâmpada elétrica e do gramofone já foi considerado um "asno" por seus professores. O mesmo aconteceu com outras figuras eminentes. A genialidade de Darwin só seria reconhecida tempos depois. Pais e mestres acreditavam que sua capacidade intelectual estava bem abaixo da média.

Histórias assim povoam o universo da música. Ludwig Van Beethoven, um dos mais extraordinários compositores de todos os tempos, sofreu com prognósticos desalentadores a respeito de sua capacidade criativa. Segundo os biógrafos, ele não era um instrumentista virtuoso; tinha até certo desalinho com o violino; em parte consequência do interesse em tocar suas próprias músicas. Seus professores diziam que o rapaz seria um compositor fracassado — uma previsão que seria inteiramente malograda com a 5ª e a 9ª sinfonias, obras que estão entre as mais executadas, conhecidas e importantes da música erudita ocidental. Kirk Hammett, guitarrista da banda Metallica, grande nome do instrumento, chegou a ser desacreditado durante suas primeiras aulas com Joe Satriani, que o aconselhou abandonar a guitarra. Hammett sofria com problemas de coordenação motora, que desapareceram depois de 12 horas de treinamento diário.

A música, ao contrário da matemática, exerce maior fascínio sobre as crianças, mas também parece depender de algum tipo de habilidade especial ou dom — esta palavra soa mal aos ouvidos dos sociólogos. Não significa, entretanto, que seja necessário tocar um instrumento e adquirir conhecimentos acadêmicos relativos ao assunto para se dar bem nessa área. Grandes compositores da música popular eram leigos em teoria musical e sequer sabiam tocar. Lamartine Babo, por exemplo, não sacava nada de teoria e técnica musical. Limitações que não impediram que criasse canções formidáveis que hoje fazem parte do imaginário nacional. Encerro aqui, com o sentimento de que essa discussão merece outro artigo.



André Ricardo Aguiar

Escritor - diariodebordo@gmail.com

FOTOS: Reprodução/Internet



Outros cantos, outras leituras

Romances que traçam paralelos entre o passado e o presente, sei de muitos. Pode ser por artes da linguagem, pode tratar de um mistério não resolvido, uma trama que ecoa em um ou outro tempo. Pode ter a complexidade do fio da memória proustiano ou estabelecer um diálogo com várias vozes, uma contradizendo a outra. São muitos os caminhos. Romance é campo de provas. Mas também é outra coisa. Em Maria Valéria Rezende, tem mais. Que o digam seus leitores conquistados e os ainda por conquistar.

Ainda na resaca do prêmio Jabuti, que premiou o belo Quarenta Dias, a autora santista que abraçou a Paraíba tem agora uma nova obra, com um texto que já tem alguns anos e que se foi maturando, expandindo. Outros cantos, também pela editora Alfabêria, trata de um duplo percurso: o da memória e o da estrada que leva ao Sertão mais profundo. Maria, que trata com educação de base, alinhava um sem número de lembranças e passa por vários pontos do mundo para recompor o diálogo entre sua história pessoal e a educação que muda as pessoas. Sobretudo, o motivo que reforça seu percurso, a retomada do passado dentro da luz do presente, é o que torna a viagem tão interativa: o leitor está ao lado, na poltrona do ônibus, entre paradas provisórias no tempo da estrada e mergulhos bem mais abissais no passado da personagem.

Há trechos que parece entrelaçar os fios de outros romances, desse colar de histórias pequenas que Valéria tão bem as tem, trata de criar com um artesanato sutil. A história da nossa gente, vista com um olho mais acurado, é feita de tecidos. A arte de contar, na boca de Maria, assume um tom de resistência: "quanto mais me dedicava a aprender, compreender e ensinar, mas percebia quão longo seria o caminho, mas eu queria, sim, ficar ali, cumprindo o papel que me deram eles de lhes contar histórias, ou o que me tinham dado os companheiros, de mudar a História, sob a máscara da professora que o governo mandou para ensinar gente grande a ler, livro nenhum por enquanto, todos os livros do mundo um dia, depois, e esperando chegarem a hora e os sinais da possibilidade de mudar o que produzia tantas dores, sem perder, porém, o que era só beleza."

Outros cantos é um romance elaborado, de uma linguagem fluida (e não tinha como ser) com uma naturalidade invejável. Adquiri numa livraria aqui da capital e, indicado para muitos leitores, soube que sua leitura pede retorno quase imediato. Vem daí que os romances (e muitos contos) de Maria Valéria Rezende segue uma variedade de vezes que estão escondidas dentro de uma condição marginal: ela dá (e recupera) as vozes e vidas de um Brasil não visto na mídia, não quantificado nas estatísticas. Seja nos subúrbios de uma Porto Alegre, seja no Sertão escondido, mas não menos explorado por forças políticas de interesses escusos. Sobretudo, Outros cantos não deixa de provar que a centelha humana resiste, volta a percorrer a estrada, funda uma nova esperança.

Crônica

Kubitschek Pinheiro kubipinheiro@yahoo.com.br

O mendigo Serafim não é bem assim

Somos um povo colorido, às vezes solidário ou exatamente hospitaleiro, mas, na verdade, somos carola. Brincadeira. Mas nossa carolice... que bem seja, diante de chuvas de cuspe que só se comparam à falsidade com que passamos a amar o mendigo Serafim e nunca sabemos onde ele mora. S mora onde ao ninguém - o mais conhecido mendigo da cidade, porque ele está em toda parte, assim como a arte e o lixo.

É óbvio que o que vou dizendo aqui não me transforma numa prosa politicamente correta - jamais - e ninguém aqui vai achar que sou insensível aos problemas daqueles que se dizem tra-ba-lha-dores. Vejam, "dores", que não rima com dólares, mas sim com Dolores. São tantas. Alô, tem alguém aí?

Fiquei arrasado quando vi na tevê (sem link), a maldade do genro que matou a sogra (aqui na PB) e não foi ao cinema tamanha insensibilidade com uma pessoa que durante uma vida preparou outra pessoa para amar o assassino e multiplicar. 19 anos de idade? Um jovem maldito!

Melhor é vida daquele brasileiro que nem eu, deita cedo mora longe, viva em sua aldeia, sobre cuja cabeça branca bate um coração de passagem. Melhor a vida daquela senhora que cedo segue para o mar para vender trufas e nem sei se vende, mas vai.

É isso: tem gente que rala, rala e vira sonhador da miséria. Não sou uma pedra. Não sou mesmo. Mas me comovo cenras cotidianas pais e filhos segurados nas mãos de manhã cedinho no caminho da escola. Escola, que palavra bonita. Essa gente que entrar em nossas vidas sem pedir licença,



porque não precisa. Somos todos iguais.

Triste é viver na ilusão. Luta é lavar penicos, dá duro nos hospitais, passar o dia lavando roupa na mão, ou ver homens trabalhando à noite levando o nosso lixo. É a batucada da vida.

Triste é a demora nas filas, o fatalismo, idiotice mesmo quando se repete que pobre gosta de luxo e gosta mesmo, igual a todo mundo, mas trabalha o ano inteiro para no primeiro de maio - hoje - se sentir divino numa comédia. Bis? Bis uma ova.

Tempo. Eu vejo uma multidão reclamando de uma chuva de cuspe que tomou conta do país. Que coisa esta. Outro dia choveu tanto que a Beira Rio ficou submersa. Afim um cara falar que está tudo bem. Prefiro uma chuva de arroz!

O tempo vai passando e as pessoas não mudam. Não há jeito de algumas "estrelas" perderem o requerebro, mesmo com toda a água sanitária do mundo. Mas cuspir na cara de uma pessoa é, pensemos juntos, uma humilhação tamanha...

A última vez que vi o mendigo Serafim, ele estava sentado na cadeira de uma farmácia em Tambaú. Não que

ele estivesse ali em busca de remédios para colesterol ou diabetes. Que nada, Serafim é imortal. E. como na canção de Ary Barroso, no Rancho Fundo, onde a dor e saudade contam coisas da cidade, Serafim jamais cuspiria na cara de ninguém.

E depois? Depois deu vontade de aprender a tocar violão e sair cantando por aí: eu pego a viola e a lua por esmola vem por quintal do moreno K. Salve Ary!

Aliás, eu já coloquei pimenta em muita coisa nessa vida, mas nos olhos dos outros nunca.

Kapetadas

- 1 - Tá rolando muito golpe, golpe a noite toda. PoisZé!
- 2 - Um dia frio, um bom lugar pra ver o fim do livro.
- 3 - Pense fora da caixa mas leva um casquinho que está ventando.
- 4 - As camponesas não sentem cólica e sim bucólica.
- 5 - Lá vem o sol iluminando essa ilusão chamada vida.
- 6 - Apagou a luz no fim do túnel não pagaram a conta.
- 7 - Som na caixa: "reza quem é de rezar", Pedro Luis.

Cinema

Alex Santos cineasta e professor da UFPP alexsp@uapb.com.br



APC define programa
Reunida na quinta-feira passada, em sua sede na Fundação Casa de José Américo, em Cabo Branco, a Diretoria da Academia Paraibana de Cinema definiu a programação para até o final deste semestre. Em junho próximo, sugestão que já vinha sendo discutida há algum tempo, será inaugurada a "Sala Crítico Antonio Barreto Neto", com a exibição do primeiro filme da seleção instituída pela APC, "Mon Oncle" do francês Jacques Tati.

APC na TV Assembleia
O presidente da Academia Paraibana de Cinema, professor Moacir Barbosa de Sousa, foi convidado e aceitou participar do programa de entrevista da TV Assembleia de João Pessoa. O programa foi ao ar nesse sábado e será reprisado, segundo informações de seus coordenadores, na próxima terça-feira, dia 3 de maio.

Era de ouro do cinejornal

Toda forma de resgate histórico, de preservação da memória, aplaudo sem maiores reservas. Quer seja essa salvaguarda para fins privados ou para as finalidades mais diversas. Principalmente, para fins didáticos imediatos e de reconhecimento público, a quem cabe, na verdade, a perpetuação da nossa História. Daí, a importância do documentário cinematográfico; não, como mero entretenimento.

Com as atuais e variadas plataformas tecnológicas de informação, esse resgate se faz ainda mais necessário. Assim, felicitoso esse projeto de restauração do Canal 100 pela Petrobras, sobre o qual se me comunicou pelo celular e jornalista de A União, Guilherme Cabral.

Criado por Carlos Niemeyer, no final dos anos cinquenta, numa livre parceria com Jean Manzoni, foi o Canal 100 um dos cinejornais mais importantes da fase moderna do cinema, no Brasil. Era também chamado "jornal de tela", e funcionou até 1986.

Nos últimos quinze anos desse período, passou a usar a técnica do filme colorido, em 35mm. Os recursos de imagem e som se ampliaram ao encanto do espectador cinematográfico.

Independente do seu conteúdo noticioso, àquela época, normalmente enfatizado aos informes do governo ditatorial, cada Canal 100 era por nós (exibidor e especta-



Imagens marcantes do nosso futebol compõem este acervo

dores) aguardado com bastante ansiedade. Justamente pelo registro futebolístico trazido no seu final. Isso, uma semana depois das partidas terem acontecido. Por vezes, em mais de uma semana, já que não se dispunha dos recursos de edição que hoje temos. Tudo era filmado em películas para ser revelado e montado, e isso levava tempo para ser finalizado nos laboratórios do Rio de Janeiro ou São Paulo.

Foram jornais de telas nacionais também respeitáveis, os da UCB (União Cinematográfica Brasileira) e "Atualidades Atlântida", que até início dos anos oitenta circularam plenamente. Não dá para esquecer de outros cinejornais igualmente importantes e famosos. Alguns deles, se me lembro bem, europeus, como o "Carrossel Britânico" e "L'atualités français".

Poucos da minha geração, talvez, tenham vivido tão

intensamente o lado prático do Canal 100. Digo, em razão de tê-lo manuseado, semanalmente, em um dos cinemas de meu pai, colocando-o sempre à exibição, antes do filme então anunciado para aquela sessão.

Não raro, a gritaria dos ansiosos espectadores na sala de projeção, quando então iniciava aquela musiquinha característica da vinhetinha do futebol na tela, e que algumas vezes ainda hoje usam em suas "chamadas" desportivas. Quem jamais esquece aquele jogo pelo campeonato carioca de 1979, em que Roberto Dinamite, pelo Vasco, e Zico pelo Flamengo brilharam dentro do Maracanã?

Não sem razão que, após todos esses anos de grata lembrança do Canal 100, trago comigo uma cópia, em preto e branco, de 35mm, do fimejornal cinejornal. Uma reliquia! - Mas "coisas de cinema", acesse: www.alexasantos.com.br

Quadrinhos

AeEU

Val Fonseca



Em cartaz

'CAPITÃO AMÉRICA (EUA 2016). Gênero ação. Duração: 146 min. Classificação: 12 anos. Direção: Anthony Russo e Joe Russo. Com Chris Evans, Robert Downey Jr. e Scarlett Johansson. Sinopse: Steve Rogers é o atual líder dos Vingadores, super-grupo de heróis formado por Wácu Negro, Fetiche, Escarlate, Visão, Falcão e Máquina de Guerra. O ataque de Jiltron fez com que os políticos buscassem algum meio de controlar os super-heróis, já que seus atos afetam toda a humanidade. Tal decisão coloca o Capitão América em rota de colisão com Tony Stark, Homem de Ferro. CineEspaço3/3D: 14h30, 17h30 e 20h30 (LEG). CineEspaço4/3D: 15h, 18h e 21h (DUB). Manairá4: 13h, 16h15 (DUB) e 19h30, 22h45 (LEG). Manairá5/3D: 13h45, 17h (DUB) e 20h15, 23h30 (LEG). Manairá9/3D: 12h30, 19h (DUB) e 15h45, 22h15 (LEG). Manairá10/3D: 14h45, 18h e 21h15 (LEG). Mangabeira1/3D: 12h30, 15h45, 19h (DUB) e 22h15 (LEG). Mangabeira5/3D: 14h30, 17h45 (DUB) e 21h (LEG). Tambiá4: 14h20, 17h20 e 20h20 (DUB). Tambiá6/3D: 14h30, 17h30 e 20h30.

JACAÇADOR E A RAINHA DO GELO (EUA 2016). Gênero: Aventura. Duração: 114 min. Classificação: 12 anos. Direção: Cedric Nicolas-Troyan. Com Chris Hemsworth, Charlize Theron e Jessica Chastain. Sinopse: A Rainha Ravenna governava com justiça até o dia em que sua bondosa irmã Freya deu à luz uma menina destinada a retirá-la de seu posto de mais bela do reino. Iada, ela assassinou a

criança, mergulhando sua irmã em uma profunda depressão. Anos mais tarde, ao saber da morte de Ravenna, Freya decide ir em busca de seu espelho mágico. Só que Ravenna ressuscita e caberá à Rainha do Gelo e aos rebeldes Erik e Sara lutarem, mais uma vez, contra os poderes malignos da vila. CineEspaço2: 14h10, 16h40 (DUB) e 19h (LEG). Manairá3: 14h, 16h40 (DUB) e 19h15, 22h (LEG). Manairá6/3D: 13h15, 18h45 (DUB) e 16h05, 22h45 (LEG). Manairá10/3D: 15h30 e 20h45 (DUB). Manairá11: 18h30 e 21h30. Mangabeira4/3D: 13h45, 16h30, 19h20 e 21h45 (DUB). Tambiá2: 14h10, 16h20, 18h30 e 20h40 (DUB).

TRUMAN (ESP-ARG 2016). Gênero: Comédia Dramática. Duração: 108 min. Classificação: 14 anos. Direção: Cesc Gay. Com Ricardo Darín, Javier Cámara, Dolores Fonzi. Sinopse: Dois amigos de infância, separados por um oceano, se encontram depois de muitos anos. Eles passam uns dias juntos, lembrando os velhos tempos e grande amizade que se manteve com os anos, tornando-os inseparáveis, devido o seu reencontro ser também o último adeus. CineEspaço: 14h20, 19h10 e 21h30 (LEG).

MOGLI - O MENINO LOBO (EUA 2016). Gênero: Aventura. Duração: 105 min. Classificação: 10 anos. Direção: Jon Favreau. Com Nell Selti, Ben

Kingsley e Bill Murray. Sinopse: A trama gira em torno do jovem Mogli, garoto de origem indiana que foi criado por lobos em uma caverna, contando apenas com a companhia de um urso e uma pantera negra. Baseado na série literária de Rudyard Kipling. Manairá5/3D: 14h30, 19h45 (DUB) e 17h15, 21h10 (LEG). Manairá7/3D: 14h30, 17h15 (DUB) e 19h45, 22h10 (LEG). Manairá8: 13h05 (DUB). Manairá11: 13h e 16h (LEG). Manairá11: 16h (LEG). Mangabeira3: 13h, 15h30, e 18h (DUB). Tambiá5/3D: 14h40, 16h40, 18h40 e 20h40.

BATMAN VS SUPERMAN - A ORIGEM DA JUSTIÇA (EUA 2016). Gênero: Ação. Duração: 153 min. Classificação: 14 anos. Direção: Zack Snyder. Com Ben Affleck, Henry Cavill e Jesse Eisenberg. Sinopse: Após os eventos de O Homem de Aço, Superman (Henry Cavill) divide a opinião da população mundial. Enquanto muitos contam com ele como herói e principal salvador, vários outros não concordam com sua permanência no planeta. Bruce Wayne (Ben Affleck) está do lado dos inimigos de Clark Kent e decide usar sua força de Batman para enfrentá-lo. Enquanto os dois brigam, porém, uma nova ameaça ganha força. CineEspaço2: 21h10 (LEG). Manairá2: 14h15 (DUB) e 17h45, 21h (LEG). Mangabeira3: 20h30 (DUB). Tambiá1: 15h55 e 20h45 (DUB). Tambiá2: 4h35, 17h35 e 20h35 (DUB).

Letra LÚDICA

Conversas na tábua redonda

Hilbererto Barbosa Filho

Crítico literário

hilbertbarbosa@bol.com.br

Primeiro, Osvaldo Trigueiro falou do momento histórico que vivenciamos: o dia da renúncia de Jânio Quadros. Ele e Sindulfo Santiago envolvidos nas peripécias dos acontecimentos que desmontaram a vida política do país, sempre acometidos pelas crises costumeiras do golpismo, tramado na Casa Grande para destruir a Senzala.

Depois foi a vez de Gonzaga Rodrigues levantar a tese da inutilidade editorial dos escritores provincianos, estes que ninguém lê e cujas edições, logo após os lançamentos, na verdade mais um evento social, são relegadas às velhas e úmidas prateleiras dos sebos, com dedicatória e tudo.

Muitos escrevem e poucos leem. A cidade anda cheia de livros à medida que aumenta a ignorância dos possíveis leitores. Alguém assegura que se os amigos não leem, os desafios do fáro, simplesmente para exercitar o gosto venenoso da crítica mesquinha ou da inveja patológica.

O mestre Milton Marques Júnior, afiado na exegese dos clássicos, desconfia do que chama "estatísticas vazias", ao ouvir o ex-prefeito de Filipeia de Nossa Senhora das Neves defender o pro-nuncie e para alguns, de modo surpreendente, a pertinência das políticas públicas voltadas para a manutenção dos direitos sociais.

O poeta Marco di Aurilio preferiu doar seus livros a vendê-los, pois está convicto de que a poesia, como bem definiu o poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo, em frase que é uma pepita preciosa; "A poesia é, por excelência, a antimercedória". Nos seus desatinos sintáticos, nos seus desconcertos semânticos e na sua entropia fonética, peculiar às chamadas "estruturas dispativas", de Ilya Prigogine, e nas suas ondas flutuantes, e nas suas partículas dissonantes, e nos seus átomos abissais, a poesia põe em crise a lógica da acumulação capitalista.

Reginaldo Martin Cano, paulista e a meu novo dos membros avulsos desta tábua redonda da prosa mútua e rarefeita, traz o célebre tema da verdade para refutar alguns dos interlocutores que, meio cético, fez um ar de riso perante a certeza objetiva do conhecimento científico.

Um argumento, outro responde, um terceiro intervém. Não sei se José Nunes, com seu eloquente silêncio de diácono; não sei se Assis Vilar, geógrafo acido aos sorrisos das mais agudas metafísicas; não sei se o douto justilosofo, Dr. José Fernandes de Andrade, misto de bibliófilo e mecenas cultural, amante das letras e das artes. Só sei que nada sei e que socraticamente a verdade, não estando com cada um de nós, circulava, indomável, entre todos.

Por fim, ouço a voz longínqua e cansada, porém timbrada na firmeza da sabedoria, de meu único e eterno analista, Everaldo Soares Júnior, a desconstruir o primado da ciência moderna, a arrogância da objetividade, ao mesmo tempo em que convocava o sujeito e a linguagem para o centro do debate. A certa altura, seu pensamento se associava às reflexões epistemológicas de uma Boaventura de Souza em torno dos paradigmas emergentes para uma nova ciência, sobretudo aquele que afirma: "Todo conhecimento é autoconhecimento".

Segundo entendi, não devemos confundir o falso com a mentira. O falso - vale a raiz etimológica da palavra - é também a falta, ou, dito de outra forma, o vazio, a lacuna, a rasura, o rizoma. Portanto, não existe verdade sem falsidade, isto é, verdade sem falta, verdade completa, verdade absoluta, assim como não existe o ponto fixo, o dado imutável. Segundo Everaldo, citando Freud e Guimarães Rosa, o que existe é a trilha, é a travessia.

Todos calamos a alma ao sabor desta conclusão, e cada um ficou a procurar, a procurar a si mesmo e aos outros naquela manhã de sábado que nos doava a sedutora geografia das ideias e de seus infinitos mapas desconhecidos.

Programa-se

Projeto De Repente no Espaço

A poesia popular ganha voz em mais uma edição do Projeto De Repente no Espaço. Os convidados são o experiente João Lourenço (PB) e o jovem Felipe Pereira (RN). A apresentação é de Iponax Vila Nova, declamador oficial do evento. Como de costume, a noite de poesia popular acontece na primeira quarta-feira do mês (4 de maio), a partir das 19h, no mezanino do Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural José Luís do Rego, na capital. A entrada é gratuita.

Para o público fiel do projeto, é a oportunidade de conferir a performance de dois nomes do topo da lista da arte do repente. Poetas que trazem consigo o dom que os permite trazer o verso no improviso. Rápidos no raciocínio e no galitão, eles têm sempre a resposta ao oponente.

Rádio Tabajara

PROGRAMAÇÃO DE HOJE

FM
0h - Madrugada na Tabajara
5h - Aquarela Nordestina
6h - Bom dia, Saudade!
8h - Máquina do Tempo
10h - Programação Musical
12h - Samba Brasil
15h - Futebol
18h - Programação Musical
18h30 - Rei do Ritmo
19h - Lampa Black
20h - Música do Mundo
21h - Trilha Sonora
22h - Domingo Sinfônico

AM
0h - Madrugada na Tabajara
5h - Nordeste da Gente
6h - Bom dia, Saudade!
8h - Sucessos Inesquecíveis
9h - Domingo no Rádio
11h - Mensagem de Fé
11h30 - Programação Musical
12h - Tabajara Esporte Show
15h - Grande Jornada Esportiva
20h - Plantação nota mil
20h30 - Rei do Ritmo
21h - Programação Musical

SERVIÇO

● Funec (3211-6280) ● Mag Shopping (3214-4000) ● Shopping Tambiá (3214-4000) ● Shopping Iguatemi (3337-6000) ● Shopping Sul (3235-5585) ● Shopping Manairá (Box) (3246-3188) ● Sec. - Campina Grande (3337-1942) ● Sec. - João Pessoa (3208-3150) ● Teatro Lima Penante (3221-5835) ● Teatro Edmundo do Egypito (3247-5449) ● Teatro Severino Cabral (3341-6038) ● Bar dos Artistas (3241-4148) Galeria Archidy Picado (3214-6224) ● Casa do Cantador (3337-4046)



PRIMEIRO DE MAIO DIA DO TRABALHO



**Dignidade, igualdade,
justiça e trabalho**

Um dia pra celebrar, todos
os dias pra conquistar

Igreja do Rosário

Paróquia surgiu em 1929, mas templo religioso só foi concluído na década de 1940

Josélio Carneiro
Especial para A União

No ano de 1911 os franciscanos iniciaram a atividade apostólica na Paraíba. A missão nos bairros de Jaguaribe e Cruz das Armas, onde morava muita gente pobre, tem origem no ano de 1923 quando a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes já não podia atender suficientemente as necessidades que iam surgindo. Então o vigário monsenhor Manoel Almeida recorreu ao auxílio dos franciscanos. O 1º arcebispo da Paraíba, dom Adauto e a direção da província de acolheram a sugestão. A atividade franciscana em Jaguaribe teve como primeiro cura Frei Joaquim Benke. Ele construiu capela provisória que até 1928 atendeu as necessidades dos fiéis que recebiam os santos sacramentos, traziam os filhos para o batismo e as crianças para o catecismo.

Antes, havia uma Igreja do Rosário no Centro da cidade, mas foi demolida a pedido da prefeitura da capital para fins urbanísticos. Quem relata a origem de nossa Paróquia é o Frei Hugo Fragoço, em texto reproduzido no livro "Frei Martinho - Uma herança viva da fé cristã - coletânea publicada nos 50 anos da morte do religioso e reeditada em 2005, nos 75 anos do falecimento do franciscano que seguiu fielmente a maneira como viveu São Francisco de Assis.

A nova região (Jaguaribe e Cruz das Armas) se desmembrou da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes no dia 1º de dezembro de 1923, e foi entregue à direção dos franciscanos.

Surge a Paróquia do Rosário

No ano de 1929, aos 28 de setembro, tem início canonicamente, na qualidade de paróquia, a nova freguesia de Nossa Senhora do Rosário. Porém, o início da construção da igreja demorou alguns anos e a igreja somente foi concluída na década de 1940, porque as dificuldades financeiras eram muitas e o convento e o grande templo consumiram muitos recursos na construção. O terreno foi comprado com grande parte dos 80 contos de réis, dinheiro da indenização da prefeitura pela demolição da igreja do Rosário, no Centro da cidade. O terreno compreendia parte das Ruas 1º de Maio, Vasco da Gama, 24 de Maio e Vera Cruz.

A construção do convento e da grande Igreja se deu pela necessidade da transferência da atividade dos frades da Igreja São Pedro Gonçalves, (bairro Varadouro) para a periferia da Paraíba (João Pessoa). Nessa época Jaguaribe era considerado bairro periférico. E coube ao então definidor da



Iniciada por Frei Martinho, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, no bairro de Jaguaribe, teve sua construção concluída por Frei Amadeu

FOTOS: Divulgação



província, Frei Martinho, esse trabalho, tarefa bem difícil por conta das dificuldades, porque a província não dispunha de meios para ajudar.

As campanhas para a construção e a fé de Frei Martinho

As pedras para a construção do convento e da Igreja do Rosário foram pedidas em várias cidades, nas paróquias, no comércio. Frei Martinho se dirigia às feiras, ao povo simples e pedia "pelo amor de Deus". Seu fiel auxiliar, Frei Amadeu, bateu nas portas dos amigos. Os donativos vinham através da campanha do tostão, festa populares, festa da telha, leilões, sorteios, rifas e outros meios.

O livro Frei Martinho - Uma herança viva da fé cristã - registra ainda que as frequentes situações precárias a que se chegava, revelaram a confiança de Frei Martinho na divina Providência. "Teve a confiança de um santo", assim diziam seus confrades. "Sei, ó Pai, que muitas vezes me escutastes", rezava ele sempre. Quando não havia reserva na caixa dirigia-se, de braços abertos, à Rainha do Rosário, cujo santuário estava construído; a São José; Santo Antonio e às almas do purgatório.

Na última hora sempre recebia soma necessária, Deus sabe de onde e de quem", diz o texto da coletânea sobre o franciscano que viveu na Paraíba de 1911 a 1930. Uma circular do arcebispo D. Adauto ajudou nas coletas que foram estendidas às Dioceses de Natal, Crato e Nazaré. O lançamento da pedra fundamental foi a 29 de junho de 1927, com bênção de D. Adauto, com a presença de autoridades, do clero e grande multidão.

Ajudaram Frei Martinho na construção da nova igreja Frei Amadeu Laumann e Frei José Jost, marceneiro, dentre outros. No dia 1º de novembro de 1928, pouco mais de um ano após a bênção da 1ª pedra, já se podia celebrar os ofícios divinos numa parte improvisada da nova construção. Aos 2 de fevereiro de 1929 os frades se transferiram do convento de São Pedro Gonçalves (Varadouro) para Nossa Senhora do Rosário. Antes, os franciscanos haviam alugado uma casa onde ficavam durante o dia.

Nos conta Frei Hugo Fragoço que "a primeira comunidade dessa nova residência do Rosário era formada por Frei Martinho Jansweid, Frei Fabiano Grundling, Frei Amadeu Laumann

e Frei José Jost, posteriormente chegou Frei Firmino Thien".

Morte de Frei Martinho

Frei Martinho presenciou a sua morte: que devia ir embora, dizia, sem completar a construção da Igreja do Rosário. Faleceu aos 54 anos na capital paraibana no dia 28 de julho de 1930, mesmo dia em que chegava à cidade o corpo do presidente da Paraíba, João Pessoa, assassinado no Recife no dia 26. Em 1º de dezembro de 1935 foi inaugurada a cripta com a lousa sepulcral do grande missionário Frei Martinho Jansweid.

Iniciada por Frei Martinho, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, teve sua construção concluída por Frei Amadeu na década de 1940. A posse do arcebispo dom José Maria Pires, no ano de 1966, foi celebrada na Igreja do Rosário.

Construção sobre revés

Pouco mais de um ano após a morte de Frei Martinho, a construção da igreja do Rosário sofreu duro revés quando desabou parte da colunada e da capela-mor. Para continuar as obras foi preciso demolir várias colunas, por não oferecerem a consistência necessária. Esse fato, aliado às dificuldades financeiras, retardou muito o ritmo da construção, por isso demorou vários anos. O acabamento final ocorreu na década de quarenta, com exceção da torre e o altar definitivo.

Deu no Jornal

A coluna destaca a crise e os 10 mandamentos da decadência

PÁGINA 27



Gastronomia

Bucatini al pesto vermelho, rúcula e parmesão é uma delícia

PÁGINA 28



OLÁ, LEITOR!

Crise no Brasil

Os 10 mandamentos da decadência

Nada é tão ruim que não possa piorar. Ou, como diria Chacrinha, o jogo só acaba quando termina. Nesses tempos de crise (política, econômica, moral e ética) o mínimo que se pode dizer sobre esta quadra que vive o Brasil é que o buraco já é enorme, mas nada indica que tenhamos chegado ao fundo do poço. Os sinais de degradação são tantos e tão intensos que recentemente uma sessão na Câmara dos Deputados, convocada para votar a abertura do impeachment da presidente Dilma Rousseff, foi descrita pela imprensa internacional como "um circo de horrores". E não é pra menos: aquele festival de hipocrisia, analfabetismo, idiotice e patifaria terá sido, talvez, a demonstração mais cabal de que, em termos de decadência, estamos dando de 7 a 1 no resto do mundo.

Não, lamentavelmente, não são apenas os políticos que contribuem para esta ruína ética. Lá há poucos dias num desses sites jornalísticos uma notícia que dizia mais ou menos o seguinte: O homem soube na fila do parque de diversões que crianças com menos de oito anos não pagariam ingresso. Levava o seu filho, de nove. Quando foi atendido, o porteiro perguntou a idade do menino. O pai respondeu: sete anos e dez meses. O garoto, espantado, virou-se para o pai e corrigiu: Pai, eu já vou fazer nove. Levou um beliscão, ensaiou um choro, mas calou-se.

Dentro do parque, o pai explicou: Filho, eu disse que você tinha sete porque meninos com sete anos não pagam ingresso. Olhe aí, você entrou de graça. O pirralho, ainda choramingando, balançou a cabeça afirmativamente, deixando claro que tinha entendido, e baixinho deixou escapar: Mas o senhor mentiu!

É esta a moral da degradação. Pra ser canalha ninguém precisa virar deputado ou senador, embora estes sintam enorme atração pelas tramoiás e falcatruas. Esse homem do parque, com a sua teoria de levar vantagem em tudo, muito provavelmente arruinou para sempre o caráter do garoto. Inverteu os valores morais, por causa de uma merreca, e com certeza anda aí pelas ruas, em dias de protesto contra a corrupção. É impressionante como somos todos contra a corrupção, mas ao mesmo tempo cuidamos, nos menores gestos, de disseminar esta cultura. Aliás, era Millôr quem dizia: "Negocia é um bom negócio do qual eu não participei". Isso mesmo! A corrupção que se aponta é sempre a do outro. A nossa, não: esconde-se no travesseiro.

Manual da decadência

Em abril de 2007, portanto, há mais de nove anos, o professor e diplomata Paulo Roberto de Almeida (não é nem de longe meu parente) rabiscou, em artigo publicado na Revista Espaço Acadêmico, uma espécie de Pequeno Manual da Decadência. Antes de enumerar, ponto por ponto, os seus "mandamentos", ele nos brindou com a seguinte reflexão:

O conceito de decadência está histórica e usualmente associado às imagens - e também às realidades - de declínio econômico, de perversão política, de regressão social, de queda relativa nos padrões de vida, de desordem institucional, de involução moral, quando não ao caos gerador de conflitos exacerbados e possível elemento-motor ("gatilho") do colapso de toda uma sociedade.

No plano histórico, é costume citar os precedentes dos impérios romano, bizantino, chinês, otomano ou britânico como exemplos ilustrativos de decadência - processos que, por vezes, se arrastaram durante décadas, quando não séculos - levando essas sociedades a fases de crise sistêmica ou de estagnação total, precipitando-as em "colapsos" mais ou menos prolongados e ao seu desaparecimento ou, até, à dominação por povos mais dinâmicos e empreendedores, alguns deles, aliás, suplantando os exemplos citados que tinham brilhado em épocas anteriores.

Muitas vezes, o declínio econômico e a



FOTOS: Reprodução/Internet

decadência política se dão em meio a extraordinários surtos de vigor artístico e de fervor intelectual, com intensos debates e mobilização social passando todas as categorias e classes da sociedade em questão. O fato é que a decadência pode ter elementos difusos de todos esses processos citados acima, mas pode não ser percebida como tal pelos próprios integrantes da sociedade em questão. O sentimento geral dos cidadãos pode ser, simplesmente, de um certo malaise, de um mal-estar vago e indefinido, partilhado por diferentes estratos sociais e percebido como tal por intelectuais, mas raramente expresso de forma direta e cabal nos discursos das autoridades ou traduzidos nas propostas de ação por candidatos alternativos ao poder político.

O professor, então, apresenta o seu pequeno manual de identificação dos sinais precursores da decadência. Assim, pode-se saber que um país ou uma sociedade está em decadência quando:

- 1 - O sentimento de mal-estar se torna generalizado na sociedade, ainda que possa ser difuso.
- 2 - Os avanços econômicos são lentos, ou menores, em relação a outros povos e sociedades.
- 3 - Os progressos sociais são igualmente lentos ou repartidos de maneira desigual.
- 4 - A lei passa a não ser mais respeitada pelos cidadãos ou pelos próprios agentes públicos.
- 5 - As elites se tornam autocráticas, focadas exclusivamente no seu benefício próprio.
- 6 - A corrupção é disseminada nos diversos canais de intermediação dos intercâmbios sociais.

A palavra "CRISE" em chinês

危機

Perigo Oportunidade

Pronúncia: wēiji

7 - Há uma desafeição pelas causas nacionais, com ascensão de corporativismos e particularismos.

8 - A cultura da integração na corrente nacional é substituída por reivindicações exclusivistas.

9 - A geração corrente não se preocupa com a seguinte, nos planos fiscal, ambiental ou outros.

10 - Ocorre a degradação moral ou ética nos costumes, a despeito mesmo de "avanços" materiais.

Este decálogo do professor Paulo Roberto de Almeida, elaborado há quase dez anos, nos permite ver com clareza a linha "involutiva" que estamos traçando. Da crise, seguimos em direção à decadência e, hoje, sem dúvida aportamos no lamaçal da degradação. Somos um país em que mais de 60 mil pessoas são assassinadas anualmente; mais de 50 mil morrem em acidentes ou brigas no trânsito; e milhões só têm o que comer graças à política assistencialista do governo. Não somos ainda a Venezuela, mas estamos chegando lá.

Para um país que ostenta o título de décima (nona, oitava, sei lá!) economia do mundo,

é vergonhoso passar por tudo isto. Aliás, sobre o que aconteceu na Câmara dos Deputados, quando da votação do impeachment, quem bem retratou aquela esculhambação foi o jornalista e escritor Nelson Motta, em artigo publicado na semana passada. Diz ele:

O que deu mais vergonha foi ver um bando de deputados do PP, que até ontem mamavam nas tetas do governo, votarem "sim", pelo Brasil! E o mais engraçado foi saber que 14 deputados, que Lula havia seduzido com cargos, verbas e sua infalível lábia, driblaram o mago da política e votaram "sim". Pelo Brasil, naturalmente. Mas nesse circo dos horrores os palhaços não têm graça, os equilibristas se esborracham no chão e os mágicos têm seus truques baratos descobertos.

Alguns, e algumas, gritavam tanto, tremendo o corpo inteiro, e com pressão 18 por 12, explodiam em orgâsmos "siim" ou "nãããã" e desabavam, exaustos, nos braços dos companheiros. Me lembravam a piada antológica de "Harry e Sally", depois do orgasmo fake de Meg Ryan na lanchonete: — Quero tomar o que eles tomaram. Pelo restabelecimento da concordância verbal, pelo fim do implante capilar mal feito, pela volta do plural à Língua Portuguesa, pelas plásticas e botoxos que não deformem os plastificados, pelo fim da tinta acaju, eu voto sim: Fora Eduardo Cunha!

Para gáudio dos mais otimistas, transcrevo, por fim, um trechinho do comentário que a escritora Rosiska Darcy de Oliveira publicou sobre a histórica sessão da Câmara dos Deputados: "O país não é essa mistura de hospício com circo. Se a democracia representativa está em estado terminal, a sociedade não. Busque-se a explicação desse paradoxo no sistema político, no processo eleitoral, no peso do poder econômico e do marketing que comprometem a relação do eleitor com os candidatos, sobretudo em eleições proporcionais".

De volta ao português

Os antônimos anônimos

As palavras são como as pessoas: nascem, vivem e morrem. E algumas, pelo seu exotismo, ficam relegadas ao esquecimento. Pois bem, as palavras que o leitor vai ler nesta lista quase nunca são ditas em sentido positivo. Seus antônimos, ou seja, o lado negativo de seus significados, é que criaram fama. Ninguém diz, por exemplo, "Como você está odorante hoje!". Mas é absolutamente normal perguntar: "Que desodorante você está usando?". Vamos então à lista das palavras sumidas e seus antônimos famosos:

1. **Algésico**
Significado: adjetivo relativo a algésia; adjetivo e substantivo masculino que dá sensibilidade à dor.
Antônimo: Analgésico
2. **Biótico**
Significado: relativo ou pertencente à vida ou aos seres vivos; criado, provocado ou induzido pela ação de organismos vivos.
Antônimo: Antibiótico
3. **Dizível**
Significado: adjetivo de dois gêneros - aquilo que pode e/ou deve ser dito.
Antônimo: Indizível
4. **Fraldar**
Significado: verbo transitivo direto - colocar fraldas; vestir fraldão.
Antônimo: Desfraldar
5. **Odorante**
Significado: adjetivo de dois gêneros - que exala um odor, geralmente agradável; recedente.
Antônimo: Desodorante
6. **Pecável**
Significado: adjetivo de dois gêneros - que é capaz de pecar.
Antônimo: Impecável
7. **Virginalizar**
Significado: verbo transitivo direto e pronominal - tornar (-se) virginal.
Antônimo: Desvirginal
8. **Sápido**
Significado: adjetivo - que tem sabor; gostoso.
Antônimo: Inspívido
9. **Insciente**
Significado: adjetivo - ignorante, inepto
Antônimo: Ciente
10. **Sequaz**
Significado: adjetivo - sectário, seguidor
Antônimo: Dissidente

PITADA

A busca da qualidade de vida através da alimentação mudaram hábitos de chefs e comensais que passaram a entender que não se precisa encher o prato, mas sim tê-lo com intensidade em porções que sustentam, alimentam com prazer e principalmente saúde.

Nossa receita de hoje sofre influências diretas da Nouvelle Cuisine, movimento iniciado nas décadas de 50 e 60, capitaneado pelos grandes chefs de renome da época, como Paul Bocuse, Jean Pierre Troisgros e Raymond Oliver, que buscavam cozinhas com ingredientes mais frescos e saudáveis, preparados com técnicas onde o que importa é o conjunto sabor, aroma e textura, apresentados de maneira minimalista e intensa, reformulando assim a forma de cozinhar e apresentar os pratos, dando destaque às cores e sabores, que faz babar o mais exigente dos comensais.

Bom Appetite.

COLUNISTA

Fábio Maia

Professor, gastrônomo, apresentador do programa semanal de TV Degustando Conversas, e amante da boa gastronomia.

(83) 98604-4633



EVENTOS DE GASTRONOMIA



O chef Carlos Ribeiro, paraibano, natural de João Pessoa, recebeu no último dia 25 de abril, na Casa PanAmericana, em São Paulo, o Prêmio "Homem do Ano" 2016 pelo seu trabalho em pesquisa, manutenção da cozinha brasileira, valorização humana e qualificação em seu Projeto Escola Gastronomia Solidária.

Proprietário do Restaurante Na Cozinha, localizado na Haddock Lobo, 955, no bairro dos Jardins, em São Paulo, região bastante privilegiada pela gastronomia e onde se encontra alguns dos melhores restaurantes do Brasil, além de autor de diversos livros sobre gastronomia, possui no primeiro andar do Na Cozinha uma escola para pessoas interessadas em aprender a arte e culinária de sua cozinha autoral, sempre com base nos ingredientes adquiridos nas suas viagens Brasil a fora. "São destas incursões pelo país que trago a matéria-prima essencial de meu trabalho, em que sempre associo paladar à cultura", disse o chef Carlos Ribeiro.

RECEITA DA SEMANA:

Molho Pesto Vermelho?

Na receita de hoje vou compartilhar com vocês mais uma massa italiana, pois para quem não conhece Bucatini, nada mais é do que um tipo de massa com um formato típico da Itália central, em particular a região ao redor de Roma. Bucatini é um tipo de massa muito próxima ao espaguete, porém bem maior e com um furo no centro. O nome deriva da palavra em italiano buco, que significa buraco e bucatto que significa furado. Sendo a síntese perfeita entre massa

longa, por causa do comprimento, e da curta, em que partilham o furo central, obtendo desse modo uma textura que acentua o sabor de cada molho.

O Pesto é aquele molho tradicional italiano de cor verde, que usa como base o manjericão. Hoje vamos modificar um pouco o nosso Pesto: trocaremos de cor e de ingredientes, tendo certeza que fará muito sucesso num encontro, seja familiar ou romântico.

- Classificação: prato principal
- Tempo de preparação: 20 min
- Dificuldade: fácil
- Porções: 2 Pessoas



BUCATINI AL PESTO VERMELHO, RÚCULA E PARMESÃO

Para esta nossa receita que aprendi usando sugestões da chef Gabriela Pestana vamos precisar de:

Ingredientes

MASSA

- 200 g de Bucatini

MOLHO

- 50g de tomates secos
- 1 dente de alho
- 20g de nozes
- 30g queijo de parmesão ralado
- 100ml de azeite de oliva

- ¼ de maço de folhas de rúcula
- Sal e Pimenta-do-reino a gosto
- Folhas de salsa para decorar

UTENSÍLIOS

- Espagueteira
- Pimenta
- Pão duro
- Liquidificador

Preparação

1 - Junte no mesmo copo do liquidificador os tomates secos, o dente de alho, as nozes e o azeite. Enquanto isso vá adicionando o queijo ralado até chegar a uma consistência cremosa.

2 - Tempere o creme obtido com sal e pimenta-do-reino e adicione

um pouco mais de azeite para alargar o molho.

3 - Cozine a massa em água fervente e salgada. Escorra quando estiver ao dente e só então misture com o molho preparado. Acrescente as folhas de rúcula e sirva decorado com folhas de salsa.

Coluna do Vinho

Joel Falconi renascente@outlook.com

Europa 2ª metade do 1º milênio - parte I

Nos primeiros 500 anos da era Cristã, a produção já havia se estabilizado por quase toda a Europa, desde Creta no sul, à Inglaterra no norte, Portugal no oeste e a Polônia no leste. O vinho também já tinha alcançado uma importante posição cultural, com lugar privilegiado na doutrina e nos rituais cristãos. A adoção do Cristianismo como religião oficial do Império Romano serviu para consolidar o status da bebida. As associações religiosas tiveram um claro impacto na postura dos laicos em relação ao vinho, mas não se deve superestimar o papel da religião na disseminação e na popularidade da bebida. O vinho simbolizava o sangue de Cristo, mas também era um produto comercialmente rentável e isto, por si só já era suficiente para explicar a expansão dos vinhedos e do vinho.

As conotações espirituais e o status particular que conferiam à bebida que,

era também agradável, proporcionava uma sensação de bem-estar, contribuindo para facilitar a interação das pessoas em ocasiões sociais. Evidentemente, tais qualidades atraíram os consumidores. Apreciadores de vinho hoje em dia, certamente irão se identificar com essas sensações que servem de explicação para a permanente popularidade do vinho na Idade Média e nos períodos que se seguiram. Afinal de contas o vinho era agradável em diversos aspectos. Por isso, em muitos lugares onde era produzido, logo começou a substituir como componente importante da alimentação diária.

O colapso da metade ocidental do Império Romano em consequência das invasões germânicas parecia ameaçar o status que o vinho havia adquirido. Mas

o impacto que as tribos invasoras provocaram na produção vinícola e no consumo da bebida na Europa foi muito distorcido, em grande parte devido aos registros preconceituosos deixados pelos romanos, cujo Império foi efetivamente destruído. As classes dominantes romanas, assim como as gregas anteriormente, eram terrivelmente esnobes em questão de vinhos que haviam adquirido.

Os germanos não apenas diferenciavam das classes inferiores pelo tipo de vinho que bebiam e pelas circunstâncias em que a bebida era consumida, como também julgavam duramente os estrangeiros pelo vinho que preferiam e pelo modo como o tomavam. As regras aplicadas pelas classes altas romanas e gregas rezavam que um povo não é civilizado

se bebesse vinho puro sem diluí-lo em água ou se bebesse em excesso o que quer que fosse. Vários grupos foram rotulados de bárbaros por esses motivos, com os quais os gregos identificavam os citas, os macedônios e os trácios; enquanto os romanos apontavam para as tribos germânicas que viviam nas regiões mais distantes do Império e além das suas fronteiras.

No século XVIII, Edward Gibson, importante historiador e pesquisador do Declínio e da Queda do Império Romano, reforçou os preconceitos que já existiam, descrevendo os antigos alemães como "excessivamente viciados" em cervejas forte que extraíam com muito pouca arte do trigo e da cevada, que adulteravam para ter alguma semelhança com o vinho e resultava suficiente para os propósitos alemães de devassidão.